

Cidade e Mídia: práticas sociais e culturais na análise da cartografia crítica WikiMapa

City and media: social and cultural practices in the analysis of critical cartography
WikiMapa

Herom Vargas – Universidade Metodista de São Paulo | São Bernardo do Campo | SP | Brasil | E-mail: heromvargas50@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-7837-6740>

Andressa Carai Monteiro – Universidade Metodista de São Paulo | São Bernardo do Campo | SP | Brasil | E-mail: monteiroac@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-5862-3994>

Amanda Jordão Zanco – Universidade Metodista de São Paulo | São Bernardo do Campo | SP | Brasil | E-mail: amandajzanco@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-1106-2525>

Resumo: Este artigo discute formas de representação, identidade e memórias dos indivíduos nas cidades por meio do conceito das cartografias críticas pensadas por Crampton (2010) e Jameson (1991). Pela análise da cartografia WikiMapa, são levantadas questões sociais e culturais sobre regiões marginalizadas que não pertencem aos mapas oficiais das cidades. Partimos do princípio de que as cartografias críticas são portadoras de discursos. A partir dos estudos de Ferrara (2008), entendemos a *urbe* como um complexo sistema comunicativo e palco de conflitos nas relações entre os cidadãos nos seus espaços de pertencimento. Beck (1997) nos oferece a base conceitual para discutir os aspectos políticos nas cidades, Bauman (2001), os espaços vazios, e Hall (2011), a construção da identidade dos moradores das comunidades marginalizadas.

Palavras-chave: Comunicação. Cidade. Cartografia. Identidade. Representação.

Abstract: This article discusses forms of representation, identity and memories of individuals in cities through the concept of critical cartographies by Crampton (2010) and Jameson (1991). By analyzing the WikiMapa cartography, social and cultural questions are raised about marginalized regions that do not belong to official city maps. We assume that critical cartographies are bearers of discourses. From the studies by Ferrara (2008), we understand the city as a complex communicative system and stage of conflicts in the relations between citizens in their spaces of belonging. Beck (1997) offers us the conceptual basis for discussing the political aspects in cities, Bauman (2001), the empty spaces, and Hall (2011), the construction of the identity of the residents of marginalized communities.

Keywords: Communication. City. Mapping. Identity. Representation.

• Recebido em: 08 out. 2019 • Aprovado em: 14 out. 2019 • e-ISSN: 2177-5788
DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2019v45n2p257-273>

Copyright © 2019. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial (<https://br.creativecommons.org/licencas/>) – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

1 Introdução

A construção de uma cidade não precisa ser apenas pensada por critérios racionais, funcionais, arquitetônicos e urbanísticos. As relações que as pessoas estabelecem com os lugares onde escolhem viver, passear, conhecer e viajar podem dizer muito sobre as identidades, memórias e representações que têm de si mesmas e dos espaços em que habitam.

Importa a este artigo discutir como os mapeamentos definidos por Crampton (2010) e Jameson (1991) como “cartografias críticas” podem influenciar na representação e na construção da identidade e da memória de moradores de comunidades periféricas. Alguns bairros no Brasil ainda não têm suas ruas mapeadas por ferramentas como o Google Maps ou Waze, assim como não aparecem em plataformas oficiais cartográficas de instituições governamentais.

Como objeto de análise, será abordado o projeto WikiMapa, que resultou no documentário Todo mapa tem um discurso, e que levantou questões a respeito de como a produção de cartografias críticas auxilia no processo de inclusão social das comunidades do Rio de Janeiro e de São Paulo nos mapas oficiais das duas cidades. Esse tipo de mapeamento é entendido como portador de diferentes subjetividades e significados na construção de discursos próprios dos moradores dessas regiões.

Entendemos a cidade como um complexo sistema comunicativo, em que relações entre sujeito e espaço são estabelecidas. De acordo com Ferrara (2008), a cidade pode ser pensada como meio – ao nos referirmos a ela enquanto construção; mídia – enquanto plano e imagem e como mediação – enquanto sociabilidades e interações.

A cidade-mídia é marcada por imagens que simbolizam e se revelam como “mediação na experiência coletiva que é dada ao homem descobrir e viver” (FERRARA, 2008, p. 52). Em relação à representação das cidades, estamos considerando apenas suas características de imagem midiática. Nesse aspecto, encontramos lugares registrados em mapas como o Google

Maps ou Waze, que segundo Ferrara (2008), buscam mimetizar e parafrasear cidades para impactar de forma persuasiva sua imagem como objeto de desejo, de consumo e também de segregação.

A mídia é uma das grandes responsáveis pela construção de imagens, e os moradores das comunidades do Rio de Janeiro e de São Paulo criticam no documentário *Todo mapa tem seu discurso* sua abordagem na produção de mapas que tratam apenas sobre questões de criminalidade e violência nas comunidades periféricas.

A cidade é palco de conflitos, pois os indivíduos encontram espaços para reflexão fora das instituições representativas do Estado-Nação e estabelecem novas formas de fazer política, que Beck (1997) chama de “subpolítica”. Como Beck (1997, p. 30) salienta, “procuramos o político no lugar errado, nas tribunas erradas e nas páginas erradas dos jornais”. Os atores sociais e políticos desafiam as estruturas dominantes e, nesse caso, “o político invade e irrompe além das responsabilidades e hierarquias formais” (BECK, 1997, p. 30). A política encontra-se no próprio ato de mapear, e encontramos embasamento teórico nos estudos de Crampton (2010), que considera o mapeamento das regiões um processo político.

As cartografias críticas são ferramentas midiáticas, comunicacionais e políticas à medida que proporcionam visibilidade às áreas marginalizadas e valorizam o sentimento de pertencimento a um lugar. Assim, discutir a representação e a construção da identidade e da memória dos moradores das comunidades se torna essencial para entendermos o papel transformador das cartografias críticas.

2 Práticas cartográficas: ferramentas discursivas em disputas territoriais

Em toda prática ou linguagem cartográfica, há um discurso e uma história a serem contados sobre determinado lugar. Esse discurso pode ser de ordem ética, política e econômica. Ele incentiva formas de dominação e hegemonia em relações assimétricas de poder na produção do espaço em

que habitamos e ao qual pertencemos. Outro modo mais inclusivo e crítico de pensar as linguagens e práticas cartográficas é o da construção de novas narrativas. Nelas, o próprio autor da cartografia ajuda a criar visibilidades para aqueles que não têm voz ou poder de decisão sobre como devem se comportar ou construir seus próprios lugares de pertencimento. Isso torna suas experiências mais significativas e identitárias dentro dos espaços urbanos, o que fica claro no projeto WikiMapa, que resultou no documentário *Todo mapa tem seu discurso*.

A cartografia é uma ciência cartesiana com códigos comunicacionais eficientes, que faz parte de um sistema técnico conhecido e utilizado durante muito tempo na apreensão de informações. No entanto, nem sempre um mapa com códigos e signos convencionais consegue alcançar o entendimento e a produção de significados, desejos e necessidades dos cidadãos em intuir, elaborar, se orientar, se identificar, construir e habitar o mundo de outras formas.

Jameson (1991) explica que há uma crise nas representações e narrativas das histórias dos cidadãos causada pela pós-modernidade e pela globalização do capital e do trabalho. Além disso, existe uma perda na capacidade de orientação nos espaços, porque as pessoas deixam de se guiar por suas intuições e afetos e passam a se relacionar com a cidade de maneira mercantil, ao melhorarem relações financeiras e de negócios entre os cidadãos. Com a inclusão de práticas cartográficas, no entanto, segundo Jameson (1991), a posição física do sujeito dentro do espaço ajuda-o na compreensão do seu próprio ser e de sua significância no mundo.

Assim definidas por Crampton (2010), tais práticas cartográficas são mapeamentos cotidianos em que o cartógrafo cria mapas vernaculares, afetivos, de experiências e narrativos, ou seja, mapas cognitivos, e também categoriza outros tipos de cartografias, entre elas as que estão presentes no Sistema de Informação Geográfica (SIG) como alternativas aos exemplares criados por instituições e órgãos oficiais. Além disso, Crampton

(2010) também comenta sobre mapas do tipo *open source*, feitos por grupos e coletivos e, normalmente, digitais. Por fim, cita os mapas de teoria crítica e históricos. O presente artigo se limitará apenas a falar sobre a categoria de mapas de teoria crítica ao pensarmos em como se dão as relações de disputa de espaço nas cidades.

No campo das cartografias críticas, é preciso levar em consideração que, em um mapa, conforme Foucault (1983), sempre há uma dimensão de poder de uma pessoa, um grupo, uma empresa ou uma instituição. Essa dimensão define o que vai ser representado e quais serão as decisões tomadas a partir dessas representações. Logo, é possível afirmar que um mapa é um filtro, comunicando o que consideramos importante ou não dentro de um espaço.

Para Crampton (2010), mapear é um processo político no qual um número crescente de pessoas está participando. "Se o mapa é um conjunto específico de reivindicações de poder/conhecimento, então, não somente o Estado e as elites, mas o resto de nós, pode fazer reivindicações igualmente poderosas e em disputa" (CRAMPTON, 2010, p. 41). Os atores sociais e políticos desafiam as estruturas dominantes e estabelecem novas formas de fazer política fora das instituições representativas formais, que caracteriza a citada "subpolítica" (BECK, 1997). A questão reflete a essência do WikiMapa, cartografia crítica mostrada no documentário *Todo mapa tem seu discurso*. Os moradores das comunidades são os protagonistas no processo de mapeamento da região.

O cartógrafo acaba por construir novas imagens de seu mundo cotidiano, interpretadas por sua própria sociedade e condições culturais, sociais, econômicas e políticas. Santos (1978) explicava que o espaço é um campo de forças cuja formação nunca é igual. Por isso, as cartografias críticas ajudam a registrar e a estudar diferenças sociais, políticas e econômicas existentes nos lugares e, além de mostrarem o modo como cada uma delas age e modifica as pessoas.

Para Seemann (2010), os mapas não apenas provocam reações políticas, mas resultam em “contramapeamentos” inseridos no Sistema de Informações Geográficas (SIG) e em outras tecnologias, para realizar “múltiplas leituras e cartografias”, que ajudam comunidades e grupos marginalizados a conquistarem, reivindicarem ou defenderem um espaço. Esse tipo de mapeamento pode ser aproveitado em diversas áreas, sejam elas culturais, políticas, econômicas, jornalísticas, acadêmicas ou geográficas, tornando-se um instrumento comunicacional próspero a ser explorado.

3 Todo mapa tem um discurso

O documentário “Todo Mapa Tem um Discurso” (2014), lançado pelo Programa Rede Jovem, conforme consta em Programa (2019)¹, frente ao sucesso do Projeto WikiMapa, que iniciou sua trajetória em 2009 e avançou para mais comunidades em 2013. As comunidades mapeadas foram: Maré, Rocinha, Santa Maria, Complexo do Alemão, Morro do Agudo, Penha, Cidade de Deus, Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, e Capão Redondo, em São Paulo.

O nome, segundo a diretora-executiva do Programa Rede Jovem, Natália Ainsengart Santos, carrega a definição do termo *wiki* porque está “na veia do projeto garantir que todo mundo produza conteúdo” e “não passe por uma moderação” (DOCUMENTÁRIO..., 2014). O projeto realizou-se com a participação efetiva dos moradores por meio de mobilização comunitária. O filme aborda a questão de áreas que não são representadas nos mapas oficiais de institutos governamentais e de sistemas cartográficos. Um dos entrevistados do documentário, Vitório Benedetti, comenta que os

¹ O Programa Rede Jovem, iniciado no ano 2000, atua nas periferias das áreas metropolitanas nos estados da BA, CE, ES, MG, PE, RJ e DF, oferecendo à juventude de baixa renda oportunidades de interação com as novas tecnologias. Ele é responsável pela implantação e animação dos Espaços Jovem – centros de acesso à Internet, ambientes de troca e solução coletiva de problemas comuns à juventude.

mapas são percebidos pela maioria como dotados de objetividade ao nível máximo e que “o mapa tem uma subjetividade que é intrínseca e que não pode ser ignorada” (DOCUMENTÁRIO..., 2014).

Os bairros da Maré, Rocinha, Morro do Agudo e Cidade de Deus não eram representados em cartas geográficas oficiais, como os do Instituto Pereira Passos, nem em mapas digitais do Google. As áreas eram nomeadas e sinalizadas como “favelas”, mas sem ruas demarcadas, mesmo com a Rocinha já sendo considerada bairro desde 1993. Muitos moradores não recebem correspondências em suas casas pela falta de logradouros com os nomes das ruas. A Prefeitura do Rio de Janeiro solicitou alteração do termo “favela” nos mapas para “morro”, próximo ao período da Copa do Mundo de 2014, no Brasil. Mas o termo “morro” sugere regiões não habitadas por pessoas (DOCUMENTÁRIO..., 2014).

As favelas carecem de representação e ressaltam o significado do conceito de cidade-mídia, pois são representadas como lugares violentos, reforçando a exclusão social. Notamos essa visão na fala de um morador de Santa Marta, Paulinho Otaviano, que diz que o fato de seu bairro não estar representado em um mapa gera uma sensação excludente. “A gente não faz parte da cidade, a gente não faz parte do roteiro tradicional” (DOCUMENTÁRIO..., 2014).

Outro tema importante que o documentário aborda é o das múltiplas narrativas que, em muitos casos, a mídia constrói sobre as favelas ao reportar as taxas de criminalidade, as intervenções militares e a violência nesses espaços urbanos. Isso reforça o preconceito em relação ao que realmente existe. “Cria-se um muro entre a favela e o asfalto” (DOCUMENTÁRIO..., 2014). O documentário comenta sobre a importância das mídias alternativas ao denunciarem um olhar discriminatório da mídia tradicional para as pautas positivas que acontecem dentro das comunidades. O documentário apresenta duas iniciativas de mídias alternativas – um programa de TV e um de rádio, além da construção de

uma escola – que trazem a questão da autorrepresentação nas favelas. Elas são: TVDOC (2019), no Capão Redondo, veiculada no YouTube e no Facebook; o Portal Viva Rocinha (2019) e a Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC), na Maré. Luiz Henrique Nascimento, coordenador da ESPCC, diz que a escola elabora três perguntas fundamentais aos estudantes:

A primeira pergunta é se a favela pode criar a sua própria autorrepresentação, a própria narrativa sobre si mesma. E se essa narrativa, se ela pode enfrentar a narrativa dominante que posiciona a favela como um lugar precário, de coitadinho, de carência, violento, sujo. A segunda pergunta é se no espaço popular os moradores conseguem identificar e resolver os seus próprios problemas de comunicação. A ideia é que os comunicadores desse território consigam identificar os problemas e operar soluções. Isso é importante: criar redes externas, pra: 'olha isso eu não faço, você vem aqui e me ajuda', para fazer isso aqui que a gente identificou. E a terceira pergunta é se essas experiências podem ser efetivas, ou seja, se elas podem ser sustentáveis financeiramente (TODO MAPA..., 2014).

O documentário mencionado mostra histórias de moradores que lutam pela comunidade e que afirmam que o maior violador dos direitos humanos é o Estado. A antropóloga e diretora estratégica do Programa Rede Jovem, Patrícia Azevedo, comenta que o objetivo do WikiMapa é fazer com que os próprios moradores das comunidades mapeiem os seus lugares de pertencimento.

A gente podia chegar aqui na vendinha do lado: "oi, senhora, tudo bem? Eu sou do WikiMapa, me fala um pouquinho, eu quero botar a sua vendinha no mapa". Só que isso para gente não faz muito sentido. A gente quer, na verdade, que vocês, as pessoas que moram aqui dentro, digam o que que tem, o que que é legal, o que que não é legal (DOCUMENTÁRIO..., 2014).

Os próprios moradores diziam o que havia de interessante em cada comunidade para inserir as favelas no mapa. Os jovens foram os agentes do projeto, chamados de *wikireporters*. Eles mapeavam e escreviam em um *blog* os bastidores e histórias de personagens encontrados no trajeto. O WikiMapa mapeou áreas excluídas dos bairros para disponibilizar em um

banco de dados público no Google. O objetivo era a inclusão social por meio da cartografia e, dessa forma, melhorar a visibilidade das favelas no Brasil.

4 Relações entre cartografia, cidade e mídia

A cidade consiste em um complexo sistema comunicativo. Ferrara (2008) afirma que os índices materiais e formais que a constroem permitem que sua imagem constitua a mídia mais eloquente e eficaz. Se a arquitetura edifica o corpo urbano não apenas para funcionar e sim para viver e comunicar, ela é o suporte no qual a cidade se constrói como um meio comunicativo, que possibilita a sociabilidade e as interações em constantes transformações.

Ao delimitarmos nosso olhar para as cidades enquanto construção, a definimos como meio. Em relação à imagem e plano construtivo urbano, a *urbe* é mídia, e “enquanto mediação, a cidade é urbanidade” (FERRARA, 2008, p. 43). A imagem é a mídia da cidade, sendo o alicerce e o instrumento de uma operação de centralismo midiático. Ela “determina um molde de ver, usar e valorizar a cidade e faz com que a indiscutível base icônica da imagem migre para uma interpretação que transforma o ícone em emblema” e “empreste à midialogia da cidade uma representação simbólica” (FERRARA, 2008, p. 46). A imagem é, portanto, a primeira forma de comunicação entre o espaço urbano e o sujeito. Por meio de seus ícones e símbolos, a arquitetura é entendida como um código cultural.

A partir das questões da imagem da cidade, notamos a importância de representar os códigos culturais de uma comunidade. Toda cidade com seus habitantes cria seu contexto comunicativo, assim como cada comunidade dentro desse ambiente comunicacional. Como citado anteriormente, a cidade também pode ser mediação, que, ao contrário da mídia, depende do “processo relacional que o intérprete desenvolve como usuário da cidade, influenciando-a e sendo influenciado” (FERRARA, 2008, p. 49). A mediação supõe a interferência dos usuários na cidade e contribui para a própria organização do cotidiano que a caracteriza. “Essa dinâmica

substitui a eficiência comunicativa da imagem como mídia pela informação” e propõe alternativas de alteração e conduta (FERRARA, 2008, p. 49).

Em cada comunidade, deparamo-nos com a convergência e a divergência de valores e ações. Nesses casos, Ferrara (2008, p. 49) afirma que são “os confrontos que caracterizam as interações urbanas como processos vivos, de amplo contágio sistêmico e complexo”. A autora ressalta que a natureza desse contágio consiste em entender os valores e ações como a base da edificação dos processos de cidadania. A partir deles,

[...] podemos atingir harmonias e trocas que convergem para uma ação coletiva, ou podemos enfrentar realidades que, divergentes, promovem diferenças, mudanças de valores, de ações e de usos que transformam a experiência, o cotidiano e os lugares da cidade em processos de interação complexa, mutuamente competitivos a desafiar, de modo quase incontrolável, todas as estratégias públicas, técnicas e políticas de transformar a cidade em território de poder, conforme um princípio de ordem estabelecido (FERRARA, 2008, p. 50).

Importa-nos pensar nas estratégias políticas que contribuem para a transformação da cidade em território de poder, apresentada por Ferrara (2008), a partir das discussões de Beck (1997) sobre “subpolítica”. Ele conceitua “subpolítica” como o ato de moldar a sociedade de baixo para cima. Nesse contexto do despertar da subpolitização, há a oportunidade de o ator social ter voz e participação efetiva nos novos arranjos da sociedade.

A cidade torna-se, assim, um palco de disputas, principalmente se observamos os aspectos da desigualdade social. Beck (1997) ressalta que a discrepância entre classes sociais está relacionada ao processo de modernização. A distribuição e os problemas decorrem da riqueza socialmente produzida e, na sociedade da escassez, podemos observar os esforços de modernização e de consumação para atingir a riqueza social. Nessa dinâmica social, Beck (1997) salienta que a propriedade de uns provoca, ao mesmo tempo, a privação de propriedade para outros.

No documentário, moradores também comentam que a questão do deslocamento de suas casas é algo a ser discutido. A habitação social em áreas periféricas é tema recorrente em Rolnik (2000). A “exclusão territorial

na cidade brasileira é mais do que a imagem da desigualdade, é a condenação da cidade como um todo a um urbanismo de risco” (ROLNIK, 2000, p. 2).

A dinâmica social comentada por Beck (1997) intensifica as tensões no espaço urbano em relação ao direito à propriedade. Se pensarmos nos vazios cartográficos, os conflitos no palco das cidades e nos seus interstícios se intensificam. Bauman (2001) trabalha a emancipação do sujeito contemporâneo e sua relação com o espaço e o tempo diante de uma modernidade líquida. O autor aborda o conceito de “espaços vazios”, que corrobora na análise da cartografia WikiMapa, uma vez que permite entendermos os vazios cartográficos reivindicados no documentário Todo mapa tem um discurso. Bauman (2001, p. 122) escreve que “para que qualquer mapa ‘faça sentido’, algumas áreas da cidade devem permanecer sem sentido”. Em outras palavras, significa que “excluir tais lugares permite que o resto brilhe e se encha de significado”. Isso é mostrado claramente durante o documentário quando os moradores criticam a falta de representação nos mapas e reivindicam uma autorrepresentação na mídia. A possibilidade de encontrar-se nos mapas representa para as comunidades uma maior visibilidade das regiões abordadas pela mídia. Consequentemente, essas regiões são entendidas como espaços onde as pessoas são vulneráveis a situações de risco, por isso, dignas de não interação e reconhecimento.

5 Cartografia: representação, identidade e memória

Se considerarmos uma sociedade dividida em classes – dominante e dominada, ainda que em diferentes nuances de riqueza e pobreza –, as ideologias são “representações conceituais de caráter político que configuram a realidade social” a partir do prisma da classe dominante (SOARES, 2007, p. 49). Já as representações midiáticas, para o autor, são entendidas como modos de exposição de determinados assuntos ou pessoas que salientam algumas características e apresentam-se como retrato do

mundo. Soares (2007, p. 51) ressalta que essa representação sugere “o modo de ser da sociedade representada, de modo a fixar ou confirmar estereótipos étnicos, sociais, de gênero e profissionais” e da “instauração de padrões ‘normais’ ou ‘modelos’, ora de imagens pejorativas ou idealizadas de populações, categorias sociais, minorias” (SOARES, 2007, p. 51).

O WikiMapa ressalta a importância das mídias alternativas em ações contra-hegemônicas ao produzirem contrainformações por esses atores periféricos. A TVDOC no Capão Redondo, a ESPOCC, na Maré e o Viva Rocinha são citadas no documentário como veículos importantes na luta pela autorrepresentação das comunidades do Rio de Janeiro.

Além da mídia, a crítica abrange os mapeamentos oficiais por sua exclusão social e apresenta uma cartografia crítica, o WikiMapa, como uma ferramenta nas reivindicações por direitos habitacionais e por sua visibilidade no mapa. O documentário afirma o importante papel dos depoimentos orais que, ao dar voz aos moradores no mapeamento a partir de suas experiências, gostos e relação com o local, aciona mecanismos da memória. A fala de um morador da Maré, João Batista, afirma essa importância.

Acho que quando o morador conta a sua história ele passa a se reconhecer enquanto morador dessa região e passa a valorizar sua identidade, né? E quando alguém vem de fora, vê, escuta, também passa a ter um novo olhar para essa região. Passa a ter um olhar mais manso e não um olhar de discriminação (TODO MAPA..., 2014).

Os depoimentos orais apresentam memórias subterrâneas e possibilitam a análise das falas e percepções dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, opondo-se a uma memória oficial. Pollak (1989) comenta que as memórias subterrâneas afloram em momentos de crise e, assim, entram em disputa. Esse momento se dá na irrupção de sentimentos acumulados no decorrer da trajetória social de um grupo, que não pode antes se exprimir publicamente. O caso dos moradores das favelas que deixaram seu depoimento no documentário é um exemplo da memória

em disputa, tida como “clandestina” e que ocupa a cena cultural. Para Pollak (1989), uma vez que essas memórias invadem o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa. O documentário é um objeto que articula outras memórias, assim como os mapeamentos do WikiMapa.

As cartografias críticas podem reconstruir novas memórias dos cidadãos e de suas cidades ao registrarem e expressarem afetiva e esteticamente objetos e ações humanas presentes nos espaços urbanos. Seemann (2002, 2003) exemplifica que um mapa pode ser um livro conhecido ou um álbum de família, sendo que o leitor lê o mapa como um texto que tem paisagens, eventos e pessoas do próprio passado, envolvendo a própria identidade na representação. Tais informações, de acordo com Candau (2011), produzem memórias fortes, com sentimentos de origem, de história, de pertencimento, e memórias fracas, que podem se dissolver ou se partir com base em identidades que se transformam, ou em identidades novas, que se afirmam.

A memória como um sistema de representação é entendida por Stuart Hall como uma “imagem do passado que corresponde a quadros de significação do presente” (PERALTA, 2007, p. 16). Esses quadros são entendidos como referências que em cada momento nos permitem recordar, seguindo determinada ética para a interpretação do mundo.

Vivemos diante da necessidade de reconstruir um passado, valorizar a memória na contemporaneidade e buscar por uma política de identidade. Memória e identidade são construções sociais, resultantes de negociações e interações sociais. Hall (2011) aborda em seus estudos a questão do “sujeito fragmentado”, pensado a partir de suas identidades culturais, que não são inerentes ao ser humano, nem determinadas biológica ou geograficamente. De acordo com Hall (2011), são transformadas no interior da representação. Daí a importância de se ver nos mapas um modo de construção de nossa

própria identidade. A renovação das certezas éticas e o retorno ao passado são espaços para a busca de identificação.

A dialética da luta cultural, atualmente, é contínua e ocorre, como afirma Hall (2003, p. 255), em linhas complexas de resistência e aceitação, de recusa e capitulação, “que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, em que não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas”. O povo *versus* o bloco de poder, segundo Hall (2003), é a linha central da contradição que populariza o terreno da cultura, no qual a luta cultural surge no ponto onde as tradições distintas e antagônicas se encontram e se cruzam.

A partir dessa perspectiva do espaço social e cultural, como um local de luta e resistência, retomamos os estudos de Beck (1997) em uma relação de tensão e problemática social, que criam e reforçam identidades sociais em ininterrupta reciprocidade. As identidades dos sujeitos contemporâneos, para Beck (1997, p. 28), “são construídas através de uma interação discursiva complexa que é muito mais aberta do que supunha o modelo funcionalista de papéis sociais”. Os indivíduos lutam consigo mesmos e também com o mundo, retornando para instituições da sociedade e reivindicam seu espaço participativo. Nesse sentido, Augé (1997) explica que os espaços urbanos possuem personalidade e que cada indivíduo se reconhece nesses lugares, criando memórias e identidades individuais e coletivas, assim como novos signos e experiências.

A chance de construir relações socialmente mais igualitárias com o espaço por onde transitamos, e de reconstruir os sentidos de memória e de identidade das pessoas pode ser possível por meio das cartografias críticas. Essa ferramenta nos permite mapear diferentes formas de viver nas cidades, que pedem por mais proximidade, contemplação, interação e respeito social. O espaço pode e irá se mover, alterar-se de forma física, histórica, geográfica, cultural, política e social a qualquer instante. O que

não deve permanecer imutável é a nossa habilidade de entender, de absorver e de interagir com essas mudanças por canais comunicacionais disponíveis, como a cartografia, utilizando-a de diferentes maneiras.

6 Considerações Finais

O que antes era invisível, preterido, esquecido, conforme Sousa (2012), ganha uma situação de paridade em relação a outros fenômenos muito bem cartografados, plenamente localizados e descritos. O mapa dá visibilidade, o que populariza as ferramentas cartográficas, consideradas tão importantes quanto à fotografia ou à escrita a serem disponibilizadas aos cidadãos. “A cidade é compreendida como um lugar repleto de outros lugares e suscetível a novas camadas de informação, recontada à maneira desejada pela coletividade” (SOUSA, 2012, p. 149).

O projeto WikiMapa mostra a importância de considerar os moradores das comunidades mapeadas como protagonistas da ação. Os habitantes de cada região, baseados em suas vivências, memórias e relações com seus lugares de pertencimento, podem mostrar o que, em cada espaço, merece atenção em uma narrativa cartográfica.

O documentário Todo mapa tem um discurso mostra o trajeto da construção dos mapas e como os depoimentos orais contribuem para um olhar diferente sobre o espaço. Os conceitos de representação, identidade e memória entram em disputa. Por um lado, se há um discurso hegemônico das mídias e das cartografias oficiais que retratam lados da violência e da criminalidade nas comunidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, por outro, a produção de cartografias críticas e a criação de mídias alternativas por essas comunidades representam o que cada espaço tem de melhor a oferecer, a partir do olhar de pessoas que criam afetos com um lugar e o conhecem melhor do que ninguém.

Diante da construção de barreiras territoriais entre áreas periféricas e centrais das cidades, da aceleração, da conquista, da mudança, da percepção do espaço, do tempo e de problemas de ocupação, sentimos a

necessidade de projetar novos tipos de mapas. Essas cartografias focam nas relações, conexões e nas histórias vividas dos cidadãos em seus espaços urbanos.

Assim, com esses mapeamentos, os “vazios esquecidos” também se tornam mídias de uma nova *urbe* inclusiva, que se articula em novas mediações e constrói novas representações dos seus espaços e de toda a cidade.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECK, Ulrich. A reinvidicação da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. *In*: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 11-17.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CRAMPTON, Jeremy W. **Mapping**: a critical introduction to cartography and GIS. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2010.

DOCUMENTÁRIO levanta principais questões simbólicas e práticas sobre as regiões marginalizadas que não pertencem ao mapa oficial da cidade. 2014. Disponível em: <https://todomapatemumdiscurso.wordpress.com/sobre/>. Acesso em: 7 maio 2019.

FERRARA, Lucrécia D’á. Cidade: meio, mídia e mediação. **Matrizes**, São Paulo, n. 2, p. 39-55, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1983.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1991.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. **Arquivos da Memória**, Portugal, n. 2, p. 4-23, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 16 abr. 2019.

PROGRAMA Rede Jovem. **TakingITGlobal**. 2019. Disponível em: <https://orgs.tigweb.org/programa-rede-jovem>. Acesso em: 4 out. 2019.

ROLNIK, Raquel. Exclusão territorial e violência: o caso de O Estado de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 100 – 111, out./dez. 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1978.

SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 4/5, p. 43-53, 2002/2003.

SEEMANN, Jörn. Cartografia e cultura: abordagens para a geografia cultural. *In*: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato. (orgs.). **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. v. 1, p. 115-156. Disponível em:

http://www.academia.edu/904840/Cartografia_e_cultura_abordagens_para_a_geografia_cultural. Acesso em: 10 maio 2019.

SOARES, Murilo César. **Representação e comunicação**: uma relação de crise. *Líbero*, n. 20, p. 47-56, 2007.

SOUSA, Paulo Victor Barbosa. **Mapas colaborativos na internet**: um estudo de anotações espaciais dos problemas urbanos. Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5963/1/Paulo%20Victor%20-%20Mapas%20Colaborativos%20na%20Internet.pdf>. Acesso em: 10 maio 2019.

TODO MAPA tem um discurso. Direção: Francine Albernaz e Thaís Inácio. Rio Janeiro/São Paulo: Programa Rede Jovem, 2014 (61 min.). Disponível em: <https://vimeo.com/93081871>. Acesso em: 9 maio 2019.

PORTAL VIVA ROCINHA. Disponível em:

<https://radarcomunitario.wordpress.com/2014/12/15/portal-viva-rocinha/>. Acesso em: 4 out. 2019.

TVDOC. Disponível em: <http://tvdoc.com.ar/>. Acesso em: 4 jun. 2019.